



BIOGRAFIA, UM CAMPO DE POSSIBILIDADES

BIOGRAPHY, POSSIBILITIES FIELD

MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

MARIA DA GLÓRIA DE OLIVEIRA²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

THAIS FRANÇA GUIMARÃES³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

RESUMO

A biografia, como uma das primeiras formas de escrita da história, vem, ao longo do tempo, ganhando espaço entre os historiadores que encaram a responsabilidade de escrever a narrativa de uma vida. No entanto, quando nos deparamos com a tarefa de analisar a escrita das vidas, somos ainda cercados pelos meandros e incertezas que cercam tal objeto. Neste artigo, temos a expectativa de contribuir com o campo historiográfico que aos poucos se consolida, o de pensar a biografia como escrita da história e o de tomá-la como fonte histórica, ao delimitar possibilidades teóricas e metodológicas de investigação dessa narrativa.

PALAVRAS- BIOGRAFIA, HISTORIOGRAFIA, METODOLOGIA, ESCRITA DA HISTÓRIA

ABSTRACT

Biography, as one of the first forms of writing in history, has, over time, gained space among historians who have taken the responsibility of writing the narrative of a life. However, when we are faced with the task of analyzing the writing of life, we are still surrounded by the intricacies and uncertainties that such an object presents. In this article, we expect to contribute in the historiographic field that is gradually consolidating itself, that of thinking biography as the writing of history and that is using biographies as a historical source, by delimiting theoretical and methodological possibilities for investigating this narrative.

KEYWORDS: BIOGRAPHY, HISTORIOGRAPHY, METHODOLOGY, HISTORY WRITING

¹ Doutoranda, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, marcela.oliveir@yahoo.com.br.

² Doutora em História Social, professora associada, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, mgloriaprof@gmail.com.

³ Doutoranda, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, guimaraesthaisf@outlook.com.

INTRODUÇÃO

História e biografia mantiveram relações de aproximação e de afastamento entre si, ao longo do tempo.⁴ Para Sabina Loriga, a fronteira entre ambas é imprecisa, porque o indivíduo não deixou de ocupar um lugar central nas preocupações e inquietações dos historiadores, a despeito da historiografia privilegiar os destinos coletivos.⁵ Por isso, aqui, partimos da premissa e compreensão da biografia como *escrita da história*,⁶ “(...) pois entendemos que os debates acerca da escrita da história e da escrita biográfica assinalam o quanto sempre foram problemáticas essas divisões”.⁷

A biografia, entre as décadas de 1970 e 1980, ganhou espaço nos debates historiográficos, a partir da sua aproximação com a antropologia e com a história da arte.⁸ Como sinalizou François Dosse, “as ciências humanas em geral e os historiadores em particular redescobrem as virtudes de um gênero que a razão gostaria de ignorar”.⁹

Mesmo com todos os maus presságios apontados à biografia, e por isso as divergências sobre sua aceitação como *escrita da história*, como Jacques Revel salientou, desde seu surgimento, ela se tornou um gênero histórico de extensa atividade.¹⁰ Para mencionar alguns exemplos, no contexto historiográfico brasileiro contemporâneo, identificamos um número considerável de biografias escritas por historiadores. Podemos citar, dentre elas, *Lima Barreto – Triste Visionário* e *As Barbas do Imperador*, de Lilian Schwarcz; *Domingos Sodré – Um sacerdote Africano*, de João José Reis; *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*, de Adriana Barreto de Souza; *Quixote nas trevas*, de Fábio Koifman; *Um Socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*, de

⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Les origines de la biographie en Grèce ancienne*. Paris: Circè, 1971, p. 9-18.

⁵ LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998, p. 225.

⁶ Michel de Certeau compreende a operação historiográfica, constituída pela articulação de um lugar, uma prática e uma escrita. Para o autor, a escrita se efetua em um gesto que tem, simultaneamente, o valor de mito e rito. A escrita “substitui as representações tradicionais que autorizam o presente por um trabalho representativo que articula num mesmo espaço a ausência e a produção”. Um procedimento paradoxal, segundo Certeau, “de trabalho da morte e trabalho contra a morte”. De acordo com o historiador, a atividade de recomeçar a partir de um tempo novo desassociado dos antigos, e que tem a tarefa de construir uma razão no presente, é também a atividade da historiografia. Portanto, “fazer a história” remete à escrita. (CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 10-17).

⁷ OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, p. 63.

⁸ SOUZA, A. B. *Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan.-jul., 2007, p. 28.

⁹ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 16.

¹⁰ REVEL, Jacques. *A biografia como problema historiográfico*. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p.239.

Benito Bisso Schmidt; *Luiz Carlos Prestes - Um Comunista Brasileiro* e *Olga Benário Prestes uma Comunista nos Arquivos da Gestapo*, de Anita Leocádia Prestes.

Reconstruir o caminho que levou à composição da vida de um indivíduo, o biografado, é um problema historiográfico complexo e relevante.¹¹ Narrar a vida de alguém, implica incorporá-la a um contexto histórico, representado por meio da figura biografada ou o inverso e, em ambos os casos, analisar a narrativa biográfica é “investigar como se realiza uma *operação historiográfica*”.¹² No entanto, tomar a biografia como uma fonte historiográfica permanece como uma possibilidade metodológica ainda restrita, com poucas pesquisas que adotam tal proposta analítica. Isto nos permite compreender a complexidade de investigar a constituição de uma biografia. Mais do que isso, essa constatação traz à tona as incertezas quanto a fazer deste gênero de escrita um objeto de estudo.

Por conta disso, um problema desafia aqueles que elegem a biografia como fonte: como analisá-la? Antes disso, outro elemento se torna essencial na decisão de atribuir à biografia o *status* de objeto de uma pesquisa: para que investigá-la? Quando deixamos de lado os estudos que buscaram apenas julgar a qualidade da obra, sem ter o propósito de tê-la como objeto profícuo de análise, podemos afirmar que a teoria vai ser o primeiro elemento norteador, que permitirá formular a questão chave para a escolha dos critérios de investigação. Perguntas diversas podem ser formuladas, a partir daí, como, por exemplo, “como, e em quais circunstâncias, o retrato de um indivíduo pode ser produzido nesse gênero de escrita”; “qual projeto de escrita historiográfica proposto na narrativa”; “quais as aproximações dessa escrita com a ficção”; entre tantas outras.

Cada obra, exigirá perguntas, critérios e meios específicos de análise. Por isso, o presente artigo foi dividido em dois momentos. No primeiro, foram expostas as bases para pensar o gênero biográfico como escrita da história. No segundo, circunscrevemos algumas das possibilidades de análise que emergem ao ter a biografia como fonte historiográfica. No entanto, aqui, não temos a pretensão de criar um “manual” sobre como analisar biografias, e sim apontar algumas possibilidades de pesquisa para essa modalidade de escrita.

¹¹CEZAR, Temístocles. “Prefácio: A constituição de um panteão de papel.” In: OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história. A biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Tese. DH/UFRJ, 2009, p. 12-13.

¹²Ibid., p. 13.

A BIOGRAFIA NO TEMPO

A produção biográfica abarca múltiplos períodos da história, tendo passado por diversas mudanças ao longo dos tempos. De acordo com o historiador francês François Dosse, a biografia é um gênero antigo, difundida com base na noção grega de *bioi* (bios) e que não se restringe apenas a retratar a “vida”, mas também a “maneira de viver”. Essa noção emergiu de um saber filosófico grego que fazia referência à moralidade, logo, a biografia surgiu como um gênero relacionado à esfera do julgamento moral.¹³

Sobre as mudanças concernentes às formas de sua escrita, cada época definiu e as utilizavam com propósitos diferentes. Sabina Loriga assegura que, desde a sua origem, a biografia é considerada um gênero híbrido e compósito que sofreu profundas transformações quanto à escolha e à elaboração dos fatos e ao estilo narrativo. A autora defende que o gênero biográfico se equilibra entre a verdade histórica e a verdade literária¹⁴ e que, ao explorarmos a fronteira que separa a biografia da literatura e da história, descobrimos que ela é fluida, instável e se desloca no tempo. Logo, é necessário historicizar a prática do gênero, pois a biografia não é a mesma no século XVIII, no fim do XIX e na década de 1920, havendo assim várias formas de escrita biográfica.¹⁵

Maria da Glória de Oliveira destaca que a ambição de narrar vidas deu origem ao gênero biográfico. De acordo com a autora, a biografia sempre remeterá ao tema da unidade, coerência e sentido das experiências vividas por um indivíduo. Das vidas dos grandes varões ilustres às trajetórias de sujeitos comuns, a questão crucial que se encontra no cerne do enigma biográfico é, conforme Oliveira, a da identidade pessoal, ou seja, a do sujeito ou o “quem” da ação. Para a autora“(…) nenhuma história de vida é pensável sem o recurso da mediação narrativa que estaria na base da própria circunscrição do gênero”. Nesse sentido, Oliveira utiliza a expressão “histórias de vida” na sua definição mais estrita, remetendo à própria etimologia da palavra “biografia”.¹⁶

Apesar da genealogia da biografia remontar aos gregos, os primeiros a se destacarem na escrita biográfica foram os romanos. As biografias escritas por Plutarco e Suetônio representam o apogeu do gênero durante a Antiguidade quando o objetivo das biografias era lembrar os vivos dos grandes feitos e exemplos dos mortos. Sendo assim, era comum o narrador emitir juízos e considerações acerca de

¹³DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015, p. 123.

¹⁴LORIGA, Sabina. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2011, p. 18.

¹⁵LORIGA, Sabina. “Entrevista com Sabina Loriga: a biografia como problema” In *História da Historiografia*. Ouro Preto, 2012, n. 9, p. 31.

¹⁶OLIVEIRA, Maria da Glória de. Quem tem medo da ilusão biográfica? Indivíduo, tempo e histórias de vida. *Topoi*. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, pp. 430-432, mai./ago. 2017.

seu biografado. Ainda que tenham dissociado sua escrita biográfica do gênero histórico, ambos os autores ambicionavam narrar *Vidas*, Plutarco chegou a dizer que o que eles escreviam eram *Vidas*, não histórias.¹⁷

Na Idade Média Ocidental vigorou um tipo de escrita biográfica – a hagiografia –, cujo objetivo era exaltar e oferecer como modelo as vidas exemplares de heróis, santos e mártires; o propósito não era relembrar a veracidade dos fatos, mas o sentido moral e ético do feito histórico. Conforme Michel de Certeau pontuou, a hagiografia era um gênero literário que privilegiava os atores do sagrado (santos) e visava à edificação (exemplaridade), nesse sentido, a rigor, ela era um discurso de virtudes.¹⁸

Durante o Renascimento, a Revolução Francesa, a criação da revista dos *Annales*, e tantos outros momentos da historiografia, percebe-se uma contínua mudança nas motivações dos biógrafos em suas próprias relações com a biografia e a recepção junto aos leitores. Apesar de nunca ter deixado de ser produzido, por diversos momentos, o gênero biográfico pode ser observado entre aceitação e rejeição, inclusive, junto dos historiadores vinculados aos *Annales*.

A demanda da sociedade por informações acerca da vida alheia, seja para encontrar referências que aproximem pessoas comuns com as de projeção social, bem como a notória existência de público interessado em biografias, tanto por parte de leitores quanto por parte do mercado editorial, contribuíram para o retorno da biografia. Juntamente com as voltas proclamadas pela Nova História francesa, a biografia e a narrativa retornam carregadas de novas exigências, dentre elas, a história problema.

Como a história política, o gênero biográfico faz parte dos “sacrifícios no altar da ciência”, contudo, adverte Dosse, ainda que a opção pelos fenômenos de massa tenha diminuído o peso dos indivíduos na história, as obras de Marc Bloch e de Lucien Febvre não se afastam tão radicalmente das tentativas biográficas como faz crer o conteúdo da revista *Annales d'histoire Economique et Sociale*.¹⁹ O historiador Guillaume Piketty corrobora que os historiadores vinculados à revista não se opunham tanto à biografia como se dizia e exemplifica a questão com o fato de Febvre ter se servido magistralmente da biografia em seu inovador trabalho dedicado a Martinho Lutero.²⁰ O próprio Henri Berr, em resenha dedicada a analisar *Martinho Lutero, um destino*, cuja publicação deu-se em 1929,

¹⁷DOSSE, François, op. cit., p. 127.

¹⁸CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, pp. 268-276.

¹⁹DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 196-199.

²⁰PIKETTY, Guillaume. « La biographie comme genre historique? Étude de cas. » In *Vingtième Siècle, revue d'histoire*, Paris, 1999, n° 63, pp. 119-126.

logo após o lançamento, afirmava que naquele momento a biografia estava na moda ou, em seus termos, *trop à la mode*,²¹ existindo vários títulos e coleções que evocavam a vida de homens ilustres. Afirmou que a obra escrita por Febvre não era um romance e, para diferenciá-la do tipo de biografia romancada em voga naquele momento, designou a obra como uma “biografia psicológica”.²²

O fato dos historiadores dos *Annales* absorverem a crítica dirigida a certa concepção de história, inicialmente, não significou um total distanciamento do gênero biográfico. No entanto, como se dá a prática dessa escrita biográfica?²³ A hipótese seria de que ela se dá, acima de tudo, por meio da rejeição de uma determinada ideia de biografia.²⁴ Lucien Febvre combatia a maneira tradicional de se escrever biografias, nas quais, os autores acreditavam que dar a última palavra acerca dos biografados, emitindo um juízo “quer a seu favor, quer contra ele”, era o método amplamente utilizado.

A partir de 1960, foi retomado um interesse pelo gênero biográfico. Conforme Dosse, o fato significativo do retorno do prestígio da biografia na França foi quando eminentes representantes dos *Annales* começaram a se sacrificar nos altares do gênero, como por exemplo, Georges Duby, precursor nesse domínio, consagrando uma biografia a *Guilherme, o Marechal*, em 1984.²⁵

OS DESAFIOS BIOGRÁFICOS NA ESCRITA DA HISTÓRIA

Em cada período, o papel dos biógrafos sofreu variações – sendo desde um emissor de juízos morais a um expositor de fatos “verdadeiros” sobre o biografado – cada sociedade no espaço e no tempo lhe conferiu variados significados, da mesma forma que precisaram lidar com os desafios que o gênero e a sua época traziam.

Com os novos questionamentos, a partir do ressurgimento da biografia na história, em 1986, o historiador francês Pierre Bourdieu destacou que o trabalho de recompor uma trajetória individual e dotá-la de sentido ao assumir um conceito rígido de identidade, pode fazer com que o historiador se depare com o perigo denominado por ele de ilusão biográfica. A partir dessa ilusão, a ideia da reconstrução de uma história de vida como um trajeto coerente e linear dotado de sentido foi muito

²¹BERR, Henri. « Luther et son milieu. A propos du Martin Luther de Lucien Febvre. » In *Revue de Synthèse Historique*, Paris, 1929, n.º. 22, p. 10.

²²Ibid., p. 10.

²³Para maiores informações sobre a relação de Lucien Febvre e o gênero biográfico, ver: GUIMARÃES, Thaís França. *Biografia e História Social: A escrita biográfica de Lucien Febvre*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ).

²⁴Ibid., pp. 24-25.

²⁵DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015, pp. 118-119.

criticada. Conforme Bourdieu, “produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos, com significados e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica”.²⁶ O autor utiliza a expressão do escritor Allain Robbe-Grillet que afirma que “o real é descontínuo, formado de elementos justapostos sem razão, todos “eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, ora de propósito, aleatório”.²⁷

Bourdieu acentuou que a narrativa biográfica tem como objetivo encontrar um sentido, indicar uma sequência lógica, estabelecer relações inteligíveis, ou seja, para ele a biografia é uma ilusão no sentido de que o seu autor, seja o biógrafo ou o biografado, dão sequência aos fatos e os ordenam conforme o que acham significativo, criando, assim, um sentido artificial à vida.²⁸

O historiador Benito Bisso Schmidt, por seu turno, destaca que a preocupação central dos biógrafos – tanto historiadores quanto jornalistas – é desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais) nem na determinação estrutural da escrita (como nas análises marxistas ortodoxas).²⁹ O autor segue exprimindo que narrar uma vida é lembrar que os indivíduos biografados – como qualquer outro –, a cada momento de suas vidas, têm diante de si um futuro incerto e determinado, diante do qual fazem escolhas, seguem alguns caminhos e não outros. Nesse sentido, o biógrafo tem a tarefa de recuperar as incertezas dos personagens, as oscilações, as incoerências e até mesmo o papel do acaso – mostrando que suas trajetórias não estavam predeterminadas desde o início.³⁰

Marcelo Hornos Steffens salienta que o recente uso de biografias nas pesquisas produziu preocupações de caráter metodológico, uma vez que, enquanto o biógrafo busca ser fiel à vida de seu objeto de estudo e reconstrução, o leitor de biografias assume o papel de *vouyer* – para ele (o leitor), quanto maiores forem as particularidades, dramas e superações do biografado, mais atraente a biografia fica.³¹

²⁶BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 185.

²⁷ROBBE-GRILLET A, apud BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 185.

²⁸BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica” In FERREIRA, Marieta Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 175.

²⁹SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo Biografias. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos” In *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1997, n. 19, p. 15.

³⁰Ibid., pp. 6-7.

³¹STEFFENS, Marcelo Hornos. “A biografia na pesquisa histórica: uma análise do trabalhismo no Brasil.” In *Revista de Teoria da História*, 2010, ano 2, nº. 4, pp. 13-14.

Segundo Jacques Le Goff, à primeira vista, a dificuldade que ele evoca ao escrever a biografia de São Luís pode parecer paradoxal. Na introdução à volumosa obra *São Luís*, originalmente publicada em 1996, o autor frisa que naqueles anos as publicações biográficas eram abundantes porque o gênero continuava na moda. Logo, podia-se pensar que se tratava de um exercício fácil, bastando ter documentação adequada e talento para escrever. No entanto, Le Goff mostrava-se insatisfeito com a maioria das obras biográficas, as quais julgava anacronicamente psicológicas, retóricas, superficiais e anedóticas. Ao interrogar sobre as implicações e as exigências da biografia histórica, o autor se convence de uma evidência amedrontadora: “a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história”.³²

Na biografia, Le Goff reencontrou quase todos os grandes problemas de investigação e escrita da história com os quais havia se deparado anteriormente. Confirmou a ideia de que a biografia é um modo particular de fazer história: exigia posição de um problema, busca e crítica das fontes, redação adequada e consciência do risco atual da questão tratada. Conforme o autor, a biografia confronta o historiador com os problemas essenciais e clássicos de seu ofício através de um modo agudo e complexo, afirma que “uma biografia não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem” e salienta que não é necessário querer reconstruir os silêncios de e sobre São Luís (seu biografado), é preciso saber respeitar as falhas, lacunas, descontinuidades e disjunções que a documentação deixa.³³

Outro desafio que merece destaque sobre a escrita biográfica é em relação ao estilo narrativo a ser usado pelo historiador, que está ligado ao público leitor. Semíramis Corsi Silva entende que o historiador precisa respeitar os métodos biográficos, ou seja, continue sendo historiador mesmo lidando com trajetórias individuais.³⁴ Para tanto, aponta que uma biografia histórica feita por um historiador profissional necessita de rigor científico, acadêmico. Caso ele não queira que sua biografia se restrinja basicamente à academia ou mesmo se quer dar um tom narrativo ao seu texto, ele precisa dosar a isso uma linguagem fluente e agradável, sem, contudo, ser sensacionalista, a fim de manter os métodos de nossa disciplina.³⁵ Logo, independentemente da opção metodológica seguida pelo historiador, Silva acredita que uma compreensão de quem foi o biógrafo e suas intenções na escrita do texto são fundamentais para o início do trabalho da biografia como fonte documental.³⁶

³²LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 20.

³³LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro, Record, 1999, p. 21.

³⁴SILVA, Semíramis Corsi. “O Historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho.” In *História, imagem e narrativas*. 2012, n. 14, p. 10.

³⁵Ibid., p. 09.

³⁶Ibid., p. 11.

No que tange às normas que deveriam guiar a atividade do historiador que propõe relatar uma vida, Vavy Pacheco Borges destaca que

(...) é preciso um grande respeito ao outro, um cuidado para não se querer ‘consumir’ o biografado como um produto, evitando aquilo que ocorre por vezes hoje em dia, nas relações humanas e, especialmente, em algumas relações biográficas. Uma vida não deve ser encarada como um objeto que vamos expor e vender, sem outras considerações, embora, obviamente, faça parte de nosso trabalho devolver à sociedade o produto de nossas pesquisas.³⁷

O consumo de biografias movimenta um poderoso mercado editorial ávido de leitores e lucros, nesse sentido, é de suma relevância destacar as discussões ocorridas em 2013, no Brasil, sobre a construção das biografias. No cerne dos debates encontravam-se, de um lado, os biografados reais e potenciais - ou seus representantes-, agrupados em torno do movimento “Procure saber”, que advogavam o direito à intimidade (previsto na Constituição Federal) e, em consequência, a proibição de biografias não autorizadas, e a receberem parte dos lucros advindos das vendas e publicações sobre suas trajetórias; de outro, biógrafos (sobretudo jornalistas) e seus representantes (editoras), reivindicavam outro direito presente na Constituição, o da liberdade de expressão como fundamento ao livre direito de biografar.

No Brasil, os casos emblemáticos são aqueles envolvendo a biografia do craque de futebol Garrincha -, travada entre autor, editora e herdeiras do biografado e o caso do cantor Roberto Carlos que, em 2007, conseguiu que a Editora Planeta bloqueasse a circulação de sua biografia, escrita pelo historiador e jornalista Paulo César de Araújo. Schmidt utiliza-se dos casos citados acima para refletir sobre a ética do historiador biógrafo na contemporaneidade.³⁸ Para o caso brasileiro, o debate sobre a construção das biografias continua em voga através dos questionamentos referentes à biografia autorizada e não autorizada. “Direito à imagem ou direito à liberdade de expressão, ambos previstos na Constituição, qual deve prevalecer?”.³⁹

Com o gênero biográfico em moda, pode-se pensar que basta ao biógrafo ter documentação adequada e talento para escrever para que se possa fazer um bom trabalho. Porém, percebe-se que as questões envolvendo documentação e fontes constituem também questões geradoras de problema uma vez que uma das preocupações do historiador que pretende escrever uma biografia está ligada à existência e acesso à documentação. Fontes distintas constituem um enorme campo de possibilidades,

³⁷BORGES, Vavy Pacheco apud AVELAR, Alexandre Sá. “O return da biografia: problemas e perspectivas”. *Anais do 3º Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?* Ouro Preto, Edufop, 2009, p.08.

³⁸SCHMIDT, Benito Bisso. *Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética*. História (São Paulo) v. 33, n. 1, jan/jun. 2014, pp. 38-39.

³⁹Ibid., p. 137.

porém, o biógrafo encontra dificuldades de análise, haja vista que para cada fonte há a necessidade de conhecimento sobre como interpretá-las.

No que tange à escolha do biografado, conforme Corsi Silva, esta pode estar, muitas vezes, pautada na disponibilidade de materiais, logo, fazer a história de homens das camadas populares pode ser impossibilitado pela ausência de documentação, por mais que suas vidas pudessem conter respostas às questões consideradas importantes para a sua época.⁴⁰

Peter Burke destaca que no mundo antigo as pessoas cujas vidas eram consideradas tema apropriado para uma biografia predominavam governantes e filósofos e, com um espaço menor, gerais e literatos. Contudo, durante o Renascimento, passou-se a ser biografado mulheres, artistas e indivíduos de outras culturas.⁴¹ Na prática de escrita biográfica exercida ao longo do século XIX no Brasil, em específico no IHGB, como pontuado por Maria da Glória de Oliveira, a prioridade era narrar as vidas de indivíduos notáveis, ilustres. Isso porque o instituto, pensando na questão da identidade nacional, tinha o objetivo de “(...) registrar e evidenciar para a posterioridade as virtudes morais e suas ações exemplares como servidores do Estado nacional”.⁴²

Schmidt, por seu turno, nos lembra que o interesse dos historiadores em biografar “excluídos”, ou seja, aqueles que se afastam da média, é sintomático do desejo de “[...] refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social”.⁴³

Podemos perceber uma mudança gradual entre os indivíduos eleitos para serem biografados e as motivações de escrita em obras como *O retorno de Martin Guerre*, da Natalia Zemon Davies, e *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*, de James Green.

Natalie Zemon Davis narrou o caso de impostura de uma pequena ilha francesa em 1540, quando o camponês Martin Guerre abandonou sua esposa, filho e propriedade por oito anos. Nesse interim, após três anos de sua partida, teve sua identidade assumida por outro homem. Para tal fim, a historiadora acionou como fontes processos notariais, anais judiciais e literatura, assim como procedimentos narrativos como a verossimilhança, as conjecturas e as analogias.⁴⁴ Já James Green,

⁴⁰ COSTA, Arrisete C. L. Biografias históricas e práxis historiográfica. *SAECULUM – Revista de História*. João Pessoa - PB, n. 23, jul./dez. 2010, pp. 7-8.

⁴¹ BURKE, Peter. A invenção da biografia e o Individualismo Renascentista. *Revista Estudos Históricos*. n. 19, 1997, p. 87.

⁴² OLIVEIRA, Maria da Glória. Biografia e historia magistral vitae: sobre a exemplaridade das vidas ilustres no Brasil Oitocentista. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 22, nº 42, dez. 2015, p. 279.

⁴³ SCHMIDT, Benito Bisso. *Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética*. História (São Paulo) v. 33, n. 1, jan/jun. 2014, p. 134.

⁴⁴ DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

em 2018, segundo ele, com o intuito de recuperar a trajetória de uma pessoa importante que não foi reconhecida como tal, publicou a biografia que conta a história de Herbert Eustáquio de Carvalho. Green revelou os motivos que o levaram a se interessar em escrever a biografia do personagem e destacou a sua própria identificação com o “revolucionário gay”: homens gays envolvidos com a militância de esquerda e com a luta contra a ditadura militar.⁴⁵ Em ambos autores, o indivíduo, sobretudo aparentemente fora do comum ou simples, torna-se elemento para compreender as estruturas sociais nas quais estavam inseridos.

Portanto, entre permanências e mudanças, pode-se observar que questões envolvendo teoria, metodologia, acesso à documentação, princípios éticos, rigor científico, relações entre biógrafo e biografado, bem como do biógrafo com o meio intelectual em que vive e suas motivações para escrever sobre uma vida, são temas presentes entre os historiadores que se aventuram a escrever e analisarem biografias. Cada vez mais os indivíduos são observados não isolados, mas pertencentes de uma rede que envolve vínculos, condições sociais, região, lugares de memória e, simultaneamente, passa-se a ter maiores preocupações em também saber sobre o biógrafo, quais seriam suas intenções, seu papel na sociedade, ambientes que frequentou e atuava haja vista que são fatores que se mostraram influentes em suas escolhas na escrita biográfica.

METODOLOGIA, UM EXERCÍCIO HISTORIOGRÁFICO

A biografia no Brasil há tempos, assim como em outros países, virou objeto de interesse editorial. A historiadora Maria da Glória de Oliveira ao estudar a incorporação da escrita de biografias ao programa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no século XIX percebe a existência de uma considerável produção biográfica. Conforme Oliveira, a partir do segundo número da Revista Trimestral, com a seção de “Biografias de brasileiros distintos por letras, armas e virtudes”, pode-se perceber a fecundidade do corpus biográfico estampado nas páginas do periódico ao longo do Oitocentos.

Em seu levantamento, a autora aponta que até 1899 podem ser contabilizados na revista 165 trabalhos sob as rubricas *biografia* ou *apontamentos biográficos*.⁴⁶ Segundo dados sistematizados por Marcia de Almeida Gonçalves, entre as décadas de 1930 e 1940, a biografia já se aproximava da lista

⁴⁵ GREEN, James N. *Revolucionário e gay: a vida extraordinária de Herbert Daniel - pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. 1ª ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2018, 378 p.

⁴⁶ OLIVEIRA, Maria da Glória de. *Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp. 15-27.

dos cinco gêneros mais publicados.⁴⁷ Arrisete Cleide de Lemos Costa aponta que entre as décadas de 1980 e 1990 ocorre um *boom* de biografias no mercado editorial, “[...] chegando a ocupar os primeiros lugares na lista de *best-sellers*, provocando o surgimento, em livrarias e bibliotecas, de seções especializadas”.⁴⁸ De acordo com Benito Bisso Schmidt, em 1994, o Catálogo brasileiro de publicações seriadas indicava um crescimento de 55% do gênero em relação a 1987.⁴⁹

Em uma busca rápida nos sites das grandes editoras, por exemplo, na Fayard, editora francesa, dos 10.397 em catálogo, 465 são biografias.⁵⁰ Logo, atualmente, no site da editora, do total de livro à venda, 4,47% são biografias. Já na editora Companhia das Letras, dos 6.678 livros catalogados, 512 são biografias, ou seja, 7,67% dos livros são classificados como biografias.⁵¹ No decorrer do tempo, esse gênero de escrita cada vez mais vem sendo disseminado em seu fazer, em escrever biografias, bem como no seu consumo pelo grande público. Não por acaso, a biografia, muitas vezes, torna-se, assim, responsável pelos traços de memória de que somos herdeiros.⁵² A narrativa da vida como um corolário da memória coletiva. O que demonstra a relevância social e científica de tê-la como fonte historiográfica.

Até aqui, como visto, tratamos a biografia como um instrumento de escrita da história. Entretanto, neste momento, propomos ir além, pensaremos ela como objeto analítico para o exercício do fazer historiográfico. A escrita biográfica não é um amontoado de dados sobre o biografado, ela exige uma postura de busca, crítica de fontes, redação adequada, além de um problema e uma questão para orientá-la, sendo necessário saber respeitar as falhas, lacunas e silêncios da personagem. A submissão das fontes à crítica não deve ter como finalidade selecionar o que é verdadeiro e descartar o que é considerado falso, o objetivo é compreender os aspectos que envolvem a sua construção.

Quando tomamos a decisão de utilizar a biografia como fonte historiográfica, temos que ter em mente os diversos campos de possibilidade ao analisá-la. Isso em muito derivado da forma que

⁴⁷ GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2009, p. 98.

⁴⁸ COSTA, Arrisete C. L. Biografias históricas e práxis historiográfica. *SAECULUM – Revista de História*. João Pessoa - PB, n. 23, pp. 19-33, jul./dez. 2010. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11517/6614>. Acesso em 26 de jul. de 2021.

⁴⁹ Apud Mayrink e Gama, 1994: 104. In: SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo Biografias*. Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 19, p. 1, 1997.

⁵⁰ GALLIMARD. *Gallimard.rf*. Paris. 2012. Disponível em:

http://www.gallimard.fr/searchinternet/advanced?all_title=biographie&SearchAction=1. Acesso em 26 de jul. de 2021.

⁵¹ GRUPO COMPANHIA DAS LETRAS. *Companhia das letras*. 2020. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/Busca?q=biografia&x=0&y=0>. Acesso em 26 de jul. de 2021.

⁵² SOUZA, Adriana Barreto de. *Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias*. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 9, agosto 2012, p. 118.

concebemos esse tipo de escrita. Por isso, esta empreitada será dividida em duas partes que se complementam e se diferenciaram na medida em que lançamos olhares distintos à escrita biográfica. Assim, no primeiro momento, estarão dispostas as bases que nos propuseram examinar a biografia a partir das regras tácitas que regem esse tipo específico de escrita. Por último, apresentaremos o gênero de escrita biográfico como instrumento para a análise da operação historiográfica.

Giovanni Levi e Pierre Bourdieu na coletânea *Usos e abusos da história oral*, Jacques Revel com seu artigo *A biografia como problema historiográfico*, François Dosse em *O Desafio biográfico* e Sabina Loriga ao escrever *A biografia como problema* são alguns dos autores que levaram a cabo a tarefa de sistematizar características que permitem e devem estar presentes para legitimar a biografia como escrito historiográfico.

Esses autores, cada um à sua maneira, e por meio de obras, paradigmas de escrita, modelos explicativos e principalmente o regime de historicidade, buscaram colocar novas questões, esclarecer equívocos, possibilidades e impossibilidades que se depararam os historiadores ao problema biográfico. Ao formularem as complexidades irresoluta da perspectiva biográfica, sobretudo ao pensarem como os indivíduos se definem frente as estruturas sociais, tais abordagens, de forma consciente ou inconsciente, acabaram definindo normas, regras, estilos válidos cientificamente para que uma biografia seja ou não uma escrita da história. Portanto, a partir de uma atitude normativa (talvez a mesma que tanto recriminaram), os autores supramencionados, ao identificarem as relações entre história e biografia no decorrer do tempo, trouxeram reflexões sobre a escrita biográfica como um instrumento para a obtenção do conhecimento histórico.

Na nossa compreensão, os elementos que constituem o gênero biográfico, os enquadramentos circunscritos pelos autores que fizeram reflexões sobre a escrita biográfica, tornam-se meios de compreender a criação da personagem construída nesta escrita. O que isso significa? Podemos balizar como critérios detectar características como: inserção no campo de estudos; a cronologia; o projeto original, isto é, a busca pela origem de determinados atributos da personagem; a utilização da contextualização para inserir o biografado na conjuntura (vice-versa); comparações realizadas com outros indivíduos; se houve o uso do indivíduo biografado como fonte, o que acarretaria um retrato oficial; se a vida do biografado foi narrada por meio das suas redes de sociabilidade. Logo, esse tipo de metodologia nos permite identificar elementos típicos da escrita biográfica e traçar parte do perfil do *retrato* do biografado.⁵³

⁵³ As reflexões que Roger Chartier fez da categoria *representação* serão a base para justificar a forma como compreendemos o que é o retrato construído por meio da escrita biográfica. Entendemos retrato como uma representação construída historicamente, em espaço e tempo determinado, que tem como intencionalidade expressar uma realidade

No entanto, as possibilidades de analisar uma biografia não se esgotam, até porque compreender biografias como escrita da história a partir de suas próprias características internas e tomar uma biografia como fonte historiográfica no sentido mais amplo são atitudes analíticas diferentes, o que exigirá outros procedimentos.

Ao compreender a linguagem escrita como um instrumento para comunicar, como também para atribuir autoridade àquilo que os autores dizem, a escrita biográfica torna-se o mecanismo para se concretizar as ideias que os pensadores se propõem a construir por meio de suas obras. Portanto, a narrativa é o local por onde temos acesso às imagens construídas e às intenções de escrita dos autores. O texto é um objeto de estudo e interpretação para a compreensão do significado transmitido do que foi dito e o valor que o autor atribuiu às suas afirmações. O historiador, neste caso, deve ir além do significado que o texto aparentemente transmite, isto é, das intenções identificáveis no e pelo próprio texto, ainda que não tenham sido explicitamente formuladas.⁵⁴

Essa proposta de como deve ser a atitude analítica de um historiador perante a obra, nos faz perceber a biografia como uma forma de escrita da história, sem se limitar a tratá-la como uma narrativa exclusivamente biográfica. Ao conceber a biografia como escrita da história, a base da nossa proposta tem o texto como o meio para compreender a construção da imagem do biografado.

Além disso, o texto será um objeto de estudo e interpretação para a compreensão do significado transmitido do que foi dito e o valor que o autor atribuiu às suas afirmações.⁵⁵ Consideramos um erro analisar o texto como fonte de investigação autossuficiente, dedicando-se tão somente ao que cada autor diz, portanto, reconstruindo o sentido e significado das obras. O papel do historiador não deve ser esse. Diante de um texto precisamos agir como arqueólogos “trazendo de volta para a superfície tesouros intelectuais enterrados”.⁵⁶ O historiador deve estar comprometido com a descoberta da presença das matrizes discursivas e o contexto linguístico nos quais o discurso foi realizado em determinado momento, isto é, na operação historiográfica.

A partir dessa perspectiva, temos outros meios de decodificar a narrativa biográfica. Podemos conceber a biografia constituindo-se como um objeto de uma leitura sistemática e minuciosa por meio de recursos metodológicos quantitativos e qualitativos, por exemplo, identificação e análise de temas, adjetivos, definições, diálogos, os “materiais de construções” – autores, pessoas, pensadores e livros

social. (CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações* Lisboa: Difel, 1990, pp.16 – 23). Usarem a palavra imagem em alguns momentos como sinônimo da palavra retrato.

⁵⁴SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Tradução de João Pedro George. Alges: Difel, 2002, p. 117.

⁵⁵Ibid., p.83.

⁵⁶Ibid., p. 90.

citados nas obras – que auxiliaram na narrativa, etc.. Nesse sentido, as intenções de escrita – presentes no e pelo próprio texto –, e os sentidos que influenciou o autor ao construir o (s) retrato (s).

Um elemento importante é identificar os meios privilegiados de acesso as atitudes e representações do sujeito que o biógrafo teve. Autobiografias, diários e correspondências tornam-se, de acordo com Teresa Maria Malatian, a tríade que forma a base de acesso do historiador para compor uma biografia.⁵⁷ Testamentos, livros, documentos de Estado, relatos de viagem, processos jurídicos, entrevistas, objetos pessoais, memórias, e tantos outros, também fazem parte do repertório de fontes comumente utilizado para compor a narrativa de vida. À vista disso, quando realizamos um levantamento das fontes utilizadas, temos meios de compreender não só as obras, mas também a forma que elas foram lidas, portanto, como o biógrafo se apropriou das leituras (as imagens) que deram a base para a criação da personagem biografada.

Ademais, Corsi Silva acredita que ao lidar com a escrita de biografias, o historiador precisa inserir o biografado em seu contexto, analisar sua representatividade mesmo em sua singularidade, mostrar como ele faz parte de um momento histórico e como podemos, por meio de sua trajetória individual, compreender esse momento da história.⁵⁸

Portanto, ainda pensando na possibilidade de análise, entendemos que o biógrafo não se encontra em uma “torre de marfim”, apropriando-se da analogia feita por Michel de Certeau, mas que este desempenhou seu ofício em determinado contexto histórico, social, político, econômico e cultural, e a ele se relacionou.⁵⁹ Assim, podemos pensar o biógrafo como um produtor de conhecimento sobre o biografado. Isto nos permitirá ter como ponto inicial o questionamento de quem foi esse historiador, onde ele estava inserido quando produziu a biografia, como foi definido em relação a outros investigadores e quais os processos de produção da obra, assim como biografado foi construído nas outras obras publicadas do autor.

Ao almejar ter um controle acerca do campo de estudo sobre o biografado, podemos buscar quais são as imagens vigentes da personagem no período de escrita da biografia. Pretendemos com isso compreender como o biógrafo se inseriu nesse campo, o quanto a imagem apresentada por ele é uma continuidade do padrão de escrita imposto e/ou o quanto ele conseguiu romper como os modelos explicativos, com as normas estabelecidas e suas aplicações até então. Consequentemente,

⁵⁷ MALATIAN, Teresa Maria. A biografia e a história. *Cadernos CEDEM*. Marília-SP: CEDEM, v.1, n. 1, pp. 16-30, 2008. pp. 21-22.

⁵⁸SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Tradução de João Pedro George. Algés: Difel, 2002, pp. 6-7.

⁵⁹CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 66.

pensaremos a biografia no seu período de produção, objetivando inferir como este contexto influenciou e deixou marcas na escrita realizada. Para dar conta de responder a essas questões, existe a necessidade de buscar informações em outros meios, como jornais, historiografias, literaturas que tratam, dialogam e/ou foram produzidas pelo próprio autor.

Concebemos que esse tipo de análise da linguagem, conceitos, argumentos, das bases explicativas, do campo de estudo, do contexto de escrita e as intervenções do autor, nos propiciem identificar os retratos da personagem fabricados pelo biógrafo. Deste modo, não temos a pretensão de descobrir quem realmente foi biografado, mas sim tentar depreender como foram produzidas as diferentes versões da imagem apresentada, por meio da biografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito, o que torna uma vida digna de ser narrada e partilhada com os demais seria a escrita, que transforma essa vida de experiência biológica em *bios*. A biografia como escrita da história implica a presença de um outro para quem se narra, um outro que não vivenciou as experiências narradas, pois elas podem significar algo de importante. De alguma forma, narrar a vida do outro proporciona narrar a sua própria, instituindo-a como uma experiência significativa.

Esse gênero de escrita, portanto, exerce o papel de construtor de imagens. Assim, entendemos essa obra como um meio para instituição de memória ao construir o retrato do biografado. A biografia adquire um componente memorialista, instituindo uma imagem e a perpetuando-a no decorrer do tempo. A reprodução das vidas dos indivíduos por meio dela é uma forma de relembrar e cristalizar histórias.

Posto isso, a escrita biográfica se apresenta como uma importante fonte histórica, na medida em que ela pode retratar a sociedade e as ações de uma personagem, assim como do próprio biógrafo. Desta forma, consideramos que a relevância social e científica de tomá-la como fonte é, a partir de uma abordagem histórica, correlacionar a análise da biografia, com o contexto mais amplo que ela foi produzida. A análise da sua narrativa exige uma compreensão diferente do processo de formalização causal dos fenômenos sociais. Por meio dela obtemos uma imagem da história e do devir social como sistema aberto, em constante transformação e definido por dinâmicas e mecanismos interativos.

Mesmo com a paulatina produção de biografias entre os historiadores e a ampliação da prática de lidar com essa obra como uma fonte historiográfica, uma inquietação ainda é muito presente: como

analisar biografias? Em vista disso, pontuamos neste artigo algumas das alternativas analíticas que construímos a partir de um de cabedal teórico e metodológico, derivado do acúmulo de pesquisas tendo a biografia como fonte de pesquisa.